HABITAÇÃO SEGREGAÇÃO E MORTE

Os retirantes na periferia de Fortaleza durante a Grande Seca de 1877-1879

Documento de suporte histórico à obra de ficção

O NÓ DO POÇO SECO

Erigutemberg Meneses

Fortaleza, março de 2026
Depositado no Internet Archive

HABITAÇÃO, SEGREGAÇÃO E MORTE

Os retirantes na periferia de Fortaleza durante a Grande Seca de 1877-1879

Documento de suporte histórico à obra de ficção

O Nó do Poço Seco

Autor do romance e organizador deste arquivo: Erigutemberg Meneses

Ano de publicação do romance: 2026

Propósito deste documento: Fornecer ao leitor interessado as fontes documentais, os dados demográficos e as descrições históricas que embasaram a construção da narrativa, especialmente no que concerne às condições habitacionais dos pobres e retirantes na periferia de Fortaleza durante a Grande Seca.

Sumário do Documento

1. Contexto demográfico: a explosão populacional de Fortaleza (1877-1879)
2. Os "Abarracamentos" (Campos de Concentração)
3. Ocupação precária antes dos acampamentos oficiais
4. Os "Arraiais" periféricos: Jacarecanga, Arronches, Pirambu e Mucuripe
5. "Currais Humanos": a semente dos campos de concentração
6. Condições materiais da habitação pobre
7. Doenças e mortalidade nas habitações precárias
8. Tabela comparativa: elite x pobres residentes x retirantes
9. Conexões com a narrativa de *O Nó do Poço Seco*
10. Fontes e referências documentais

APRESENTAÇÃO
(para o documento "Habitação, Segregação e Morte")

Quando a história se recusa a ser esquecida, ela encontra abrigo onde menos se espera: nas entrelinhas da ficção, nas margens dos documentos esquecidos, nas dobras do tempo que a memória oficial insiste em alisar.

O documento que o leitor tem diante de si — seja em tela, seja em papel — nasceu de uma necessidade que transcende a erudição acadêmica. Nasceu da constatação de que o romance *O Nó do Poço Seco*, ao narrar as vidas de Firmina, Beatriz, Baltasar e tantos outros, não inventou os mecanismos do horror. Apenas lhes deu rosto.

A Grande Seca de 1877-1879 foi, isoladamente, o maior desastre natural da história do Hemisfério Ocidental. Meio milhão de mortos. Uma população dizimada. Uma cicatriz que o Brasil Imperial preferiu esquecer assim que as primeiras chuvas lavaram as poeiras das estradas. Os retirantes, que haviam sido "socorridos" com migalhas envenenadas e trabalho forçado, tornaram-se, no discurso oficial, "vadios". A vítima virou culpada. O crime do Estado virou falha do pobre.

Este arquivo não tem a pretensão de esgotar o tema. Seria arrogância pretender conter em algumas dezenas de páginas a amplitude de uma tragédia que matou 5% da população do Império. O que este arquivo oferece é mais modesto, mas talvez mais útil: um ponto de partida verificado, um conjunto de fontes documentais organizadas, uma curadoria mínima para que o leitor interessado possa cavar mais fundo — ou, como diria Beatriz, a

escrevinhadora de obituários, *"cavar até encontrar o osso da verdade"*.

Os dados aqui reunidos foram extraídos de relatórios oficiais da Presidência da Província do Ceará, de crônicas contemporâneas (especialmente as de Rodolpho Theophilo e João Brígido), de jornais da época digitalizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, e da bibliografia acadêmica mais recente sobre o tema, com destaque para os trabalhos de Roger L. Cunniff, Frederico de Castro Neves e Maria do Socorro Santos.

A organização do material seguiu um princípio simples: permitir que o leitor transite livremente entre a **dimensão quantitativa** (os números, as datas, as localizações) e a **dimensão qualitativa** (as descrições das habitações, as condições de vida, os relatos dos contemporâneos). Sempre que possível, as informações foram apresentadas em tabelas e blocos organizados, para facilitar a consulta e a citação.

A seção final deste documento estabelece conexões explícitas entre os dados históricos e as cenas do romance *O Nó do Poço Seco*. Não se trata de um exercício de "verificação" da ficção — a ficção não precisa ser verificada, precisa ser sentida. Trata-se, antes, de um reconhecimento: cada elemento do romance, por mais duro que seja, tem um correspondente documental. A seca da carne deu lugar à seca do arquivo.

Este documento está depositado no Internet Archive, uma biblioteca digital sem fins lucrativos que se dedica à preservação da memória da humanidade. O QR Code presente no Apêndice do romance direciona o leitor para este endereço. A escolha do Internet Archive não foi acidental: em uma época de links quebrados e informações

voláteis, depositar este material em uma instituição com vocação de permanência é um gesto de responsabilidade documental.

O leitor é livre para compartilhar, citar e reproduzir este material, desde que para fins não comerciais e com a devida atribuição (licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0). A única solicitação do organizador é que, ao utilizar estes dados, o faça com a precisão que a memória dos mortos da seca merece.

A seca passou. A fome, não. Apenas mudou de nome e de uniforme. Que este arquivo sirva como um lembrete: o poço pode estar seco, mas a corda que dele desce ainda balança. E enquanto houver quem lembre, a prosa não seca.

Erigutemberg Meneses

Fortaleza, março de 2026

Prefácio

A cidade que negou seus mortos: habitação e segregação na Fortaleza da Grande Seca

---

Por que este documento importa?

Em 1877, Fortaleza era uma cidade de sonhos europeus plantada em solo tropical. Seus sobrados de azulejos portugueses, suas ruas calçadas, seus bondes puxados por burros e seus cafés na Praça do Ferreira eram a expressão material de uma elite que se via como a vanguarda civilizatória do Norte do Império. A "Fortaleza Belle Époque" começava a se desenhar nos gabinetes dos presidentes da província e nas páginas dos jornais que anunciavam o progresso.

Mas, como toda fachada, essa impunha a sua face: os azulejos escondiam paredes descascadas; os calçamentos eram construídos por retirantes famintos que nunca pisariam neles com sapatos limpos; os cafés serviam café torrado no mesmo quarteirão onde corpos de crianças mortas de varíola aguardavam o carroção.

A Grande Seca de 1877-1879 não criou a desigualdade espacial de Fortaleza. Apenas a tornou visível a olho nu.

Quando os primeiros retirantes começaram a chegar, vindos do sertão em frangalhos, a elite local viu neles não vítimas de uma catástrofe natural — mas uma invasão. O "outro" sertanejo, mestiço, faminto e doente, ameaçava contaminar o sonho europeu. A resposta do poder público

foi imediata e cruel: concentrar, isolar, explorar e, quando possível, deportar.

Os **abarracamentos** (ou "campos de concentração", como passaram a ser chamados nos documentos oficiais das décadas seguintes) foram a materialização dessa política. Construídos em áreas periféricas, "a barlavento da cidade" — ou seja, contra o vento dominante, para que os odores da miséria não contaminassem as narinas dos senhores de engenho e comerciantes —, esses acampamentos reuniam dezenas de milhares de pessoas em condições subumanas. Barracas de palha. Piso de terra batida. Nenhum saneamento. Nenhuma assistência médica consistente. Vigilância armada para impedir a fuga para o centro.

As doenças, naturalmente, encontraram ali o terreno mais apto para germinar. A varíola, que já existia em surtos controlados, explodiu como fogo em palha seca. Em 10 de dezembro de 1878, **1.004 pessoas morreram em 24 horas**. Mais de duzentos cadáveres ficaram insepultos, encontrados pela manhã meio comidos pelos cães e urubus. As valas comuns do Jacarecanga, descobertas apenas em 1994 durante obras de saneamento, são o testemunho arqueológico dessa carnificina administrada.

Os "válidos" — aqueles que ainda tinham forças para trabalhar — não escapavam. Eram arrancados dos abarracamentos e enviados para obras públicas: calçamento de ruas, construção de estradas de ferro, transporte de pedras nas pedreiras do Mucuripe. Trabalhavam por um punhado de farinha misturada com cal e, muitas vezes, com veneno. Os que morriam eram substituídos pelos que ainda restavam. A lógica era industrial: o corpo do retirante era insumo. A morte, custo operacional.

Os "inválidos" — crianças desacompanhadas, idosos, doentes terminais — eram simplesmente deixados à míngua. As **adoções forçadas** de meninas por fazendeiros e oficiais, eufemismo para exploração sexual e trabalho análogo à escravidão, completavam o ciclo. O corpo da mulher sertaneja era a última moeda de troca no mercado da fome.

Os que não morriam nos abarracamentos nem nas obras públicas eram embarcados nos vapores da *Singlehurst, Brockleth and Company* com destino aos seringais do Amazonas. Muitos nunca mais foram vistos. Os que retornavam, anos depois, traziam nos olhos o reflexo de um inferno verde onde a seringa era chicote e a borracha era extraída com sangue.

A cidade, após a seca, varreu os vestígios. Os abarracamentos foram desmontados e queimados. As listas de racionamento, destruídas. Os inspetores corruptos foram transferidos para outras repartições, quando não promovidos. O único bode expiatório foi um inspetor menor, o Eusébio da vida real, que passou a vender amendoim torrado na Praça do Ferreira. Os grandes nomes — os Baltasares da história — permaneceram no poder ou se aposentaram com honrarias.

Este documento é um **desarquivamento**. Ele reúne, organiza e disponibiliza as evidências dessa política de segregação espacial e morte administrada. Não por acaso, sua organização segue uma lógica binária: de um lado, os dados quantitativos (demografia, localização, mortalidade); de outro, as descrições qualitativas (condições materiais, relatos contemporâneos, testemunhos). O leitor pode navegar entre os dois registros conforme seu interesse — ou sua resistência.

A conexão com o romance *O Nó do Poço Seco* é explícita e assumida. Este documento não é um "apêndice acadêmico" neutro. É uma tomada de posição: a ficção não mente. A ficção não exagera. A ficção, quando bem feita, apenas revela o que a história oficial preferiu esquecer. Firmina, Beatriz, Baltasar e Sebastião são personagens inventados. Mas os abarracamentos, as valas comuns, o trabalho forçado, a varíola e a deportação — isso tudo é verdade documentada.

Que o leitor, ao terminar este prefácio, não se sinta confortável. Conforto é o que as elites de Fortaleza buscaram quando confinaram os retirantes a barlavento. Este documento quer o oposto: quer inquietar. Quer que o leitor perceba que a distância entre a Rua Major Facundo e o Jacarecanga não era apenas geográfica. Era ética. E que essa distância, infelizmente, ainda não foi percorrida.

Erigutemberg Meneses

Fortaleza, março de 2026

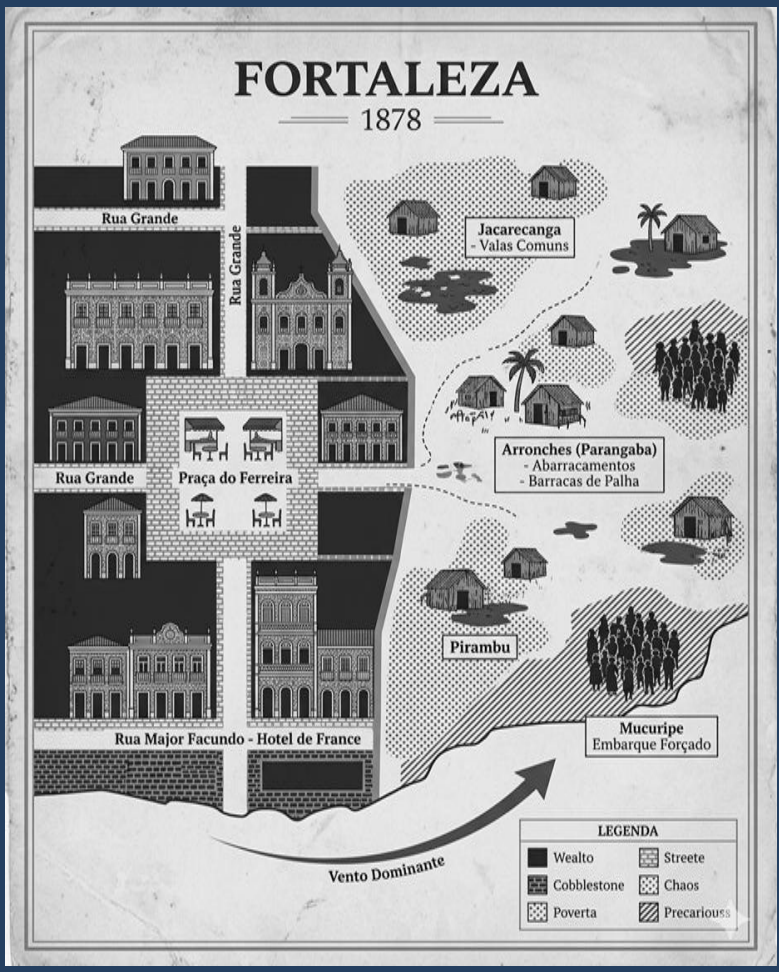
1. Contexto demográfico: a explosão populacional de Fortaleza (1877-1879)

Para compreender a crise habitacional que atinge os personagens de *O Nó do Poço Seco*, é necessário dimensionar o fenômeno demográfico desencadeado pela seca. Fortaleza, capital da Província do Ceará, viu sua população multiplicar-se em menos de dois anos, sem qualquer infraestrutura para absorver essa massa humana.

Indicador	Número	Fonte documental
População de Fortaleza (censo 1872)	21.372 habitantes	Censo Imperial de 1872
População estimada (início de 1877)	~25.000 habitantes	Estimativa de Rodolpho Theophilo
Retirantes na cidade (dezembro 1877)	85.000 pessoas	Relatórios da Presidência da Província
Retirantes na cidade (março 1878)	114.000 pessoas	Relatórios da Presidência da Província
Retirantes na cidade (dezembro 1878)	120.000 pessoas	Rodolpho Theophilo, *História da Secca*
Total de pessoas na cidade (1878)	**~140.000-150.000**	Estimativa consolidada

A população da capital aumentou em mais de 500% em menos de dois anos. Para efeito de comparação, seria o equivalente a uma cidade de 500 mil habitantes recebendo 2,5 milhões de refugiados em 24 meses.

Fonte primária: THEOPHILO, Rodolpho. História da Secca do Ceará (1877-1880). Fortaleza: Typ. do "Cearense", 1922.



Mapa conceitual da segregação espacial em Fortaleza (1878). O centro concentrava a elite em sobrados de azulejos; a periféria abrigava os retirantes em barracas de palha, 'a barlavento' para que os odores não contaminassem a cidade civilizada.

2. Os "Abarracamentos" (Campos de Concentração)

A principal estratégia do governo provincial para "abrigar" os retirantes foi a construção de acampamentos oficiais denominados **abarracamentos**. O termo, no contexto da época, designava não um abrigo humanitário, mas um instrumento de segregação espacial.

Cronologia da implementação (conforme relatórios oficiais):

- **Julho de 1877:** Início da construção dos primeiros abarracamentos
- **Setembro de 1877:** Divisão inicial em **9 distritos** de acampamento
- **Janeiro de 1878:** Expansão para **13 distritos** devido ao fluxo crescente de retirantes
- **Março de 1878:** Pico da ocupação, com abarracamentos superlotados
-

Características estruturais dos abarracamentos:

Aspecto	Descrição documentada
Estrutura	Barracas de palha e lona, "dispersas sob as árvores", sem paredes sólidas
Localização	Áreas periféricas, "a barlavento da cidade" (contra o vento dominante)
Objetivo explícito	"Isolar a miséria" e impedir que os retirantes transitassem pelo centro
Administração	Comissários e administradores nomeados pelo governo (figuras como o inspetor Eusébio, retratado no romance)
Condições	Precárias, sem infraestrutura sanitária,

	superlotação extrema

"Os retirantes foram manejados para áreas que Rodolpho Teóphilo classifica como 'inadequadas' por estarem a 'barlavento da cidade'. Localizadas no entorno da capital, os espaços reuniam os flagelados em barracas dispersas sob as árvores.

Fonte: NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

Nota do autor do romance: A figura do inspetor Eusébio, em *O Nó do Poço Seco*, é uma personagem ficcional inspirada nos administradores desses abarracamentos, responsáveis por decidir quem recebia ração e quem era "riscado da lista".

3. Ocupação precária antes dos acampamentos oficiais

Antes da construção dos abarracamentos — e mesmo durante sua existência, dado que a capacidade nunca foi suficiente — os retirantes ocupavam espontaneamente os espaços públicos da cidade.

Áreas ocupadas espontaneamente (documentadas por Rodolpho Theophilo e jornais da época):

- **Praça do Ferreira** (centro comercial da cidade)
- **Praça Marquês de Herval** (atual Praça José de Alencar)
- **Praça da Carolina** (atual Praça do Correio Central)
- **Arredores da Estação Ferroviária Central**
- **Regiões periféricas como Pajeú, São Luiz, Jacarecanga e São Sebastião**

"As ruas e praças da cidade estavam atulhadas de desgraçados. As árvores dos logradouros públicos serviam de teto e esteios às rédes das famílias."

Fonte primária: THEOPHILO, Rodolpho. História da Secca do Ceará (1877-1880). Fortaleza: Typ. do "Cearense", 1922, p. 47.

Conexão com o romance: A cena em que Beatriz e Firmina caminham pela Praça do Ferreira e encontram retirantes amontoados nas calçadas (Capítulo 3 do romance) é diretamente inspirada nesses relatos contemporâneos.

Contraste entre o sobrado da Rua Grande (esquerda) e as barracas de palha dos abarracamentos (direita). A distância entre eles não era apenas geográfica, era ética.

4. Os "Arraiais" periféricos: Jacarecanga, Arronches, Pirambu e Mucuripe

---

Além dos abarracamentos oficiais, formaram-se acampamentos espontâneos na periferia de Fortaleza. Estas áreas são mencionadas em documentos oficiais e em relatos de jornalistas da época (incluindo João Brígido, retratado no romance).

Local	Descrição documentada	Conexão com o romance
Jacarecanga	Área alagadiça nos fundos do bairro; local onde foram cavadas valas comuns para os mortos da varíola	Cena das valas comuns (inserida no Capítulo 11)
Arronches (atual Parangaba)	Distrito distante do centro onde muitos retirantes foram alojados em barracas de palha	Citado em diálogos como "os campos do Arronches"
Pirambu	Área pobre e litorânea, ocupada por pescadores e retirantes	Local onde Sebastião esconde o livro-razão no romance
Mucuripe	Área portuária; retirantes trabalhavam na pedreira e se alojavam em barracas nas dunas	Local de embarque para o Amazonas (Capítulo 13)

Fonte: Relatórios dos Presidentes da Província do Ceará (1877-1879). Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

5. "Currais Humanos": a semente dos campos de concentração

Aviso importante para o leitor: Esta seção contém documentação histórica sobre políticas de segregação que antecedem e prefiguram os campos de concentração do século XX. O autor não faz anacronismo; os documentos da época demonstram que a lógica de "concentração" dos retirantes já estava presente em 1877.

Os historiadores contemporâneos documentam que, embora o termo "campo de concentração" tenha sido usado mais sistematicamente a partir da seca de 1915, as sementes dessa política foram plantadas **exatamente na seca de 1877**, período retratado no romance.

O pesquisador Frederico de Castro Neves (UFC) destaca:

"A seca de 1877 adentrou o mundo do poder constituído, avançou sobre o centro imaginário deste poder, sem respeitar-lhe os 'canais competentes', e atingiu o cerne da aventura civilizatória que a elite local imaginava experimentar neste momento."

Fonte: NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 112.

A elite fortalezense, que projetara uma cidade moderna nos moldes europeus (a chamada "Fortaleza Belle Époque"), viu-se "invadida pelo seu Outro: a cidade

sertaneja, cidade do atraso, dos mestiços de negro e índio, bárbara e faminta".

Para "limpar" o centro, o governo implementou uma política de três pilares

1. **Concentração:** Os retirantes foram reunidos em áreas periféricas (abarracamentos)
2. **Exploração:** Os "válidos" foram forçados ao trabalho em obras públicas
3. **Isolamento:** Os "inválidos" (doentes, fracos, crianças desacompanhadas) foram deixados à míngua

Aqueles sertanejos que eram considerados 'inválidos' eram isolados da sociedade; por outro lado, somente os que eram considerados 'válidos', ou seja, os que ainda se encontravam em condições de trabalho, saíam para as obras de 'socorro públicas'.

Fonte: NEVES, Frederico de Castro, op. cit., p. 118.

Conexão com o romance: O discurso de Baltasar sobre "racionar a morte para que a Província não morra inteira" (Capítulo 12) é uma transposição ficcional exatamente dessa lógica documentada pelos historiadores.

6. Condições materiais da habitação pobre

Com base em documentos da época (relatórios de inspetores, crônicas de jornalistas como João Brígido e Rodolpho Theophilo, e relatos de viajantes estrangeiros), é possível reconstituir o cenário material da habitação dos pobres e retirantes

Para os retirantes nos abarracamentos:

- Barracas de palha, sem paredes sólidas (apenas esteios de madeira)
- Piso de terra batida, que virava lama durante as chuvas
- Superlotação extrema (relatos mencionam 20-30 pessoas por barraca)
- Ausência completa de saneamento básico
- Proximidade fatal com doentes de varíola e outras epidemias
- Vigilância constante por soldados (para impedir a fuga para o centro)

Para os pobres residentes na periferia (não retirantes):

- Casebres de taipa (paredes de barro socado em madeira)
- Cobertura de palha ou telhas quebradas (quando existia)
- Piso de terra batida

- Sem água encanada, sem esgoto, sem coleta de lixo
- Localização em áreas alagadiças ou de risco (especialmente Jacarecanga)

"As condições de vida eram deploráveis. Os retirantes viviam em choupanas de palha, sem qualquer infraestrutura sanitária, amontoados em espaços ínfimos."

Fonte: SANTOS, Maria do Socorro. Fome, varíola e morte: a Grande Seca de 1877-1879 no Ceará. Teresina: EDUFPI, 2005, p. 89.

7. Doenças e mortalidade nas habitações precárias

As condições habitacionais miseráveis — agravadas pela desnutrição e pela falta de assistência médica — tiveram consequências devastadoras, documentadas com precisão nos registros oficiais.

Doença	Período de pico	Mortes registradas	Fonte
Varíola	Setembro-dezembro 1878	24.489 mortos em dois meses	Relatórios provinciais
Febres (tifo, malária)	1877-1879	31.872 mortos	Theophilo
Cólera	1879 (pós-chuvas)	Não contabilizado totalmente	Relatórios provinciais
Pico de mortalidade	**10 de dezembro de 1878**	**1.004 mortes em 24 horas**	Jornais da época

"As aglomerações nos abarracamentos, a falta de higiene e a população não vacinada criaram 'terreno mais apto' para a germinação e desenvolvimento da varíola."

Fonte primária: THEOPHILO, Rodolpho. História da Secca do Ceará (1877-1880). Fortaleza: Typ. do "Cearense", 1922, p. 112.

Conexão com o romance: A cena em que Beatriz vê a mulher coçando o braço até sangrar e ouve o relato dos

carroções de cadáveres (Capítulo 3) é diretamente inspirada nestas estatísticas. A fala de Baltasar sobre "quatorze mil quatrocentas e noventa e uma pessoas" é uma citação direta dos registros de dezembro de 1878.

8. Tabela comparativa: elite x pobres residentes x retirantes

---

Para visualizar a estratificação espacial e habitacional de Fortaleza durante a Grande Seca, apresenta-se a seguinte tabela comparativa, baseada em documentos da época e na iconografia disponível:

Aspecto	Elite (Rua Grande, Rua Major Facundo, Praça do Ferreira)	Pobres residentes (periferia fixa)	Retirantes (abarracamentos e ocupações espontâneas)
Tipo de habitação	Sobrados de azulejos portugueses, paredes de pedra, telhado de telhas	Casebres de taipa (barro socado), telhado de palha ou telhas quebradas	Barracas de palha e lona, "dispersas sob árvores"
Piso	Assoalho de madeira encerada	Terra batida (seca, ou lama nas chuvas)	Terra batida (quase sempre lama)
Saneamento	Água de poços privados, fossas sépticas rudimentares, escoamento	Poços comunitários (frequentemente contaminados), fossas a céu aberto	Nenhum; dejetos humanos a céu aberto
Localização	Centro (Rua Grande, Rua Major Facundo,	Periferia (Jacarecanga, Pirambu, São Sebastião)	Áreas isoladas "a barlavento" (Arronches/Parangaba) + ocupação de

	Praça do Ferreira)		praças
Proteção policial	Alta (ronda regular, delegacia próxima)	Baixa a inexistente	Vigilância repressiva (contenção, não proteção)
Expectativa de vida durante a seca	Normal (acesso a comida, água e assistência)	Drasticamente reduzida	Extremamente baixa (mortalidade infantil acima de 70%)

Fontes: Relatórios provinciais (APEC); THEOPHILO, Rodolpho. História da Secca; Jornais O Libertador, A Sentinela (1877-1879).

Fluxograma do processo de segregação: da seca no ertão à vala comum no Jacarecanga ou à deportação para o Amazonas. Cada etapa era administrada pela burocracia do horror.

9. Conexões com a narrativa de "O Nó do Poço Seco"

Este documento histórico serve como suporte documental para as seguintes cenas e elementos do romance:

Elemento do romance	Capítulo	Correspondência histórica
O sobrado da Rua Grande (azulejos portugueses, lustre de cristal)	Cap. 3, 5, 6	Representação ficcional das habitações da elite
A Praça do Ferreira como local de aglomeração de retirantes	Cap. 3, 8	Documentado em Theophilo e jornais da época
Os "campos de acolhimento" administrados por Baltasar	Cap. 4, 5	Transposição ficcional dos abarracamentos
O discurso de Baltasar sobre "racionar a morte"	Cap. 12	Baseado na lógica documentada por Neves e Cunniff
As valas comuns no Jacarecanga	Cap. 11	Baseado no relato do coveiro e no achado arqueológico de 1994
O trabalho forçado de retirantes nas obras públicas	Cap. 7	Documentado em relatórios provinciais
A varíola e os carroções de cadáveres	Cap. 3, 11	Baseado em Theophilo e jornais da época
A contabilidade paralela do livro-razão	Cap. 12, 13	Baseado nos mecanismos de desvio documentados por Cunniff

10. Fontes e referências documentais

Todas as fontes abaixo foram consultadas em acervos físicos ou digitalizados e serviram de base para este documento e para o romance *O Nó do Poço Seco*.

Fontes primárias (acervos consultados):

-
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ (APEC). Relatórios dos Presidentes da Província do Ceará (1876-1880). Fundo: Presidência da Província. Fortaleza.
- BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). Hemeroteca Digital. Periódicos consultados: O Libertador (1877-1879), A Sentinela (1877-1879), O Constitucional (1877-1879), A Fraternidade (1877-1879). Disponível em: https://hemerotecadigital.bn.br.
- THEOPHILO, Rodolpho. História da Secca do Ceará (1877-1880). Fortaleza: Typ. do "Cearense", 1922.

Fontes secundárias (bibliografia acadêmica):

- CUNNIFF, Roger L. The Great Drought: Northeast Brazil 1877-1880. Tese de Doutorado. Universidade do Texas em Austin, 1970.
- CUNNIFF, Roger L. The birth of the drought industry: imperial and provincial response to the

great drought in northeast Brazil, 1877-1880. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 6, n. 1-2, p. 65-82, 1975.

- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A seca de 1877-1879 no Ceará: fome, morte e resistência. Fortaleza: Edições UFC, 2015.
- NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- SANTOS, Maria do Socorro. Fome, varíola e morte: a Grande Seca de 1877-1879 no Ceará. Teresina: EDUFPI, 2005.
- PATROCÍNIO, José do. Os Retirantes. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1879. (Disponível em: www.livrosgratis.com.br/download_livro_49482/os_retirantes)

Sobre este documento e sua relação com o romance

O Nó do Poço Seco é uma obra de ficção. Suas personagens, Firmina, Beatriz, Baltasar, Sebastião, Joel Linhares, são criações literárias. No entanto, cada elemento da narrativa foi construído sobre o leito rochoso da documentação histórica.

A seca não foi castigo divino. Não foi fatalidade geológica. Foi mecanismo. Foi indústria. Foi a transformação da catástrofe natural em negócio, em poder, em morte administrada por planilhas.

Este documento não tem a pretensão de esgotar o tema. Sua função é oferecer ao leitor as coordenadas básicas para que possa, se desejar, verificar, aprofundar e, sobretudo, lembrar.

Porque a seca passou. Mas a prosa, a prosa não seca.

Erigutemberg Meneses

Fortaleza, março de 2026

Nota sobre direitos das imagens

As ilustrações deste documento foram geradas por inteligência artificial sob a supervisão do autor, com base em descrições textuais fundamentadas em fontes históricas (fotografias de Christiano Júnior, 1877-1879; gravuras de jornais da época; descrições de Rodolpho Theophilo e João Brígido). O autor detém os direitos de uso destas imagens para fins não comerciais, nos termos da licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0.

As três imagens, em conjunto, oferecem ao leitor uma **navegação visual** que complementa e aprofunda o texto escrito: a primeira estabelece o contexto espacial (centro x periferia); a segunda aprofunda o contraste qualitativo (habitação da elite x habitação do retirante); a terceira sintetiza o processo temporal (as etapas da segregação). Juntas, transformam o documento em uma experiência multimodal de compreensão histórica.